QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DO ESTADO DO MARANHÃO: REPERTÓRIOS DE LUTA E RESISTENCIA

BABASSU COCONUT BREAKERS FROM THE STATE OF MARANHÃO: FIGHT AND RESISTANCE REPERTORY

Betânia Oliveira Barroso¹

Jullyana Cristhina Almeida de Freitas²

Lilian Rolim Figueiredo³

RESUMO

O presente artigo visa compreender a formação e processualidade histórica, política, social e de resistência das mulheres quebradeiras de coco babaçu, como grupo organizado de agroextrativistas do Estado do Maranhão, situando-as como protagonistas históricas dos atuais repertórios de luta dos povos e comunidade tradicionais. Muito embora se pretenda também, identificar as possíveis contribuições das organizações sindicais e movimentos populares de resistência e luta para a construção identitária das quebradeiras de coco, tendo em vista que a real motivação para a organização das quebradeiras, independe da existência das instituições, mas parte dos próprios objetivos e necessidades que sua existência as coloca.

Palavras-chaves: Quebradeiras de coco babaçu; Resistencia; Luta.

ABSTRACT

This article aims to understand the formation and historical, political, social, and resistance processes of babassu coconut breakers as an organized agroextractivists group in Maranhão as historical protagonists of the current repertoires of traditional peoples and communities' struggles. Although there is the intention to identify the contributions by trade union organizations, popular resistance, and social movements to the identity construction of coconut breakers, the real motivation for the organization of babassu coconut breakers is independent of these institutions. It is part of the very objectives and needs that their existence places them.

Keywords: Babassu coconut breakers; Resistance; Struggle.

¹ Atualmente é Professora da Universidade Federal do Maranhão - UFMA/Imperatriz e do Mestrado Profissional em Formação Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED/UFMA). Doutora e Mestra em Educação pela Universidade de Brasília – UnB. e-mail: betania.barroso@ufma.br

² Atualmente é Mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Formação Docente em Práticas Educativas – (PPGFOPRED/UFMA). Licenciada em Ciências Humanas com habilitação em Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão. e-mail: jca.freitas@discente.ufma.br

³ Atualmente é Mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Formação Docente em Práticas Educativas – (PPGFOPRED/UFMA). e-mail: lilian.figueiredo@discente.ufma.br

INTRODUÇÃO

As quebradeiras de coco são trabalhadoras rurais que vivem do extrativismo, possuem uma identidade tradicional e estão organizadas em comunidades extrativistas no estado do Maranhão, Tocantins, Pará e Piauí. No entanto, o presente texto visa discorrer acerca da presença das quebradeiras de coco no estado do Maranhão. Ademais, possuem um discurso de identidade que se expressa na busca do bem-viver, enquanto a cosmovisão e concepção de vida que as rege. Tal busca ocorre mesmo diante de uma conjuntura cheia de problemas e desafios, o que requer coragem e mobilização para a construção de autonomia, que, na esfera cotidiana da vida em comunidade, possibilita transformações e superação das dificuldades vivenciadas por elas. Assim, os aspectos culturais e históricos que acompanham a trajetória dessas mulheres vão, gradativamente, a partir do cotidiano e de realizações no plano micro, abrindo espaço para participação comunitária e para a formação de autonomia, enquanto um vir a ser:

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade. (FREIRE, 1996, p. 55).

117

Nesse aspecto, em Perinossotto (2010), vemos que a defesa à autonomia dos movimentos sociais em relação à política institucionalizada, leva não somente a constituição de um novo sujeito social, mas à novos lugares para o exercício da política. Assim, o cenário sociopolítico vigente, em decorrência da ausência de políticas públicas na garantia dos direitos dos povos e comunidades tradicionais, tem demandado articulação, resistência e autonomia por partes destes, o que faz emergir novas práticas de resistência, bem como novos repertórios de luta.

Assim, a produção e reprodução da existência da classe trabalhadora, e, por conseguinte, das quebradeiras de coco, frente à negligência do Estado, tem dependido única e exclusivamente da própria organização e articulação junto à comunidade em relação às próprias pautas de reivindicação, o que acarreta novos padrões de ação coletiva, comparado à modelos que historicamente se consolidaram como aliados dos trabalhadores: sindicatos, cooperativas ou associações.

Diante dessa abordagem, o objetivo do presente artigo é o de compreender a formação e a processualidade histórica, política, social e de resistência das mulheres quebradeiras de coco babaçu, enquanto um grupo organizado de agroextrativistas do Estado do Maranhão, situando-as como protagonistas históricas dos atuais repertórios de luta que vem emergindo na organização dos povos e comunidades tradicionais.

Além disso, busca-se identificar as possíveis contribuições das organizações sindicais e movimentos populares de resistência e luta para a construção identitária das quebradeiras de coco, tendo em vista que a real motivação para a organização das quebradeiras, independe da existência das instituições, mas parte dos próprios objetivos e necessidades que sua existência as coloca. O método utilizado na presente pesquisa é o fenomenológico, que, segundo Gil (2008), é uma abordagem que “não procura explicar mediante leis, nem deduzir com base em princípios, mas considera imediatamente o que está presente na consciência dos sujeitos. O intento da fenomenologia é, pois, o de proporcionar uma descrição direta da experiência tal como ela é” (GIL, 2008, p. 14).

Gil (2008) pontua, ainda, que a realidade é entendida como o que emerge da intencionalidade da consciência voltada para o fenômeno. A realidade é o compreendido, o interpretado, o comunicado. Assim, a realidade das quebradeiras de coco, aqui, será apresentada a partir da experiência em foco das mesmas e dos significados que possuem de suas vivências:

A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos, como ocorre nas pesquisas desenvolvidas segundo a abordagem positivista. Assim, a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado. As técnicas de pesquisa mais utilizadas são, portanto, de natureza qualitativa e não estruturada. (GIL, 2008, p. 15)

Ademais, trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter bibliográfico, sendo os procedimentos analíticos, de natureza qualitativa. É exploratória por tratar de uma diversidade de elementos pertencentes à vida das quebradeiras de coco no Maranhão, junto aos fatores que as constituem: a luta pelo livre acesso aos babaçuais, a resistência, a busca da sobrevivência que compreende a reivindicação do preço mínimo do coco babaçu, bem como outros fatores que serão considerados na análise. Dessa forma:

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas. (GIL, 2008, p. 28)

As reflexões serão desenvolvidas a partir de algumas referências sobre a temática, como Shiraishi Neto (2006), Berrêdo (2017) e Santos e Loschi (2019), uma vez que as quebradeiras de coco babaçu já possuem reconhecimento como campo de estudo científico que envolve processos de reprodução cultural. Ainda, o presente trabalho conta com a contribuição de Perinossotto (2010) e Levine, Sober e Wright (1987), para situar a importância da ação do sujeito enquanto um microfundamento que constitui a realidade social, de Freire (1980, 1979a) para dialogar com a autonomia, Gohn (2011) na perspectiva de que a participação social também gera aprendizagem e Thompson (1998) na importância da esfera cotidiana para a determinação da realidade social.

2. PERCURSO HISTÓRICO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU NO ESTADO DO MARANHÃO

No Maranhão vemos uma história de coragem e solidariedade das mulheres que viviam e vivem da quebra do coco babaçu. Nesse contexto, são as necessidades básicas materiais de sobrevivência que levam tais mulheres a se organizarem politicamente, bem como os laços de solidariedade existentes entre si. Dialeticamente, tal organização ocorre por meio do processo de alcance de níveis de conscientização desenvolvidos na prática cotidiana e nas articulações gestadas em comunidade, que implica na mulher “converter-se em participante plena de uma prática sociocultural, que compromete os propósitos de aprender de uma pessoa e configura o significado da aprendizagem” (LAVE & WENGER, 1991, p. 1)

Desse modo, a participação plena das mulheres na vida política, cotidiana, bem como em suas práticas sociais, gera os mais diversos aprendizados. Contudo, não podemos negligenciar o caráter educativo e pedagógico das lutas, uma vez que tal caráter se expressa em

todas as atividades que acompanham o quebrar do coco, enquanto o ofício que constitui as mulheres ontologicamente.

Um dos exemplos de outros espaços educativos é a participação social em movimentos e ações coletivas, o que gera aprendizagens e saberes. Há um caráter educativo nas práticas que se desenrolam no ato de participar, tanto para os membros da sociedade civil, como para a sociedade mais geral, e também para os órgãos públicos envolvidos – quando há negociações, diálogos ou confrontos. (GOHN, 2011, p. 333)

Ou seja, é necessário que apreendamos tais processos também como aprendizagem, uma vez que, pedagógica e sociologicamente, as lutas sociais, em Gohn (2011), possuem caráter educativo, e são inscritas nas pautas de reivindicação das quebradeiras de coco, como por exemplo, na luta ao livre acesso aos babaçuais, pela preservação e manutenção de suas próprias formas de sociabilidade – o que inclui a relação sagrada com a mãe Palmeira -, face à estrutura fundiária excludente, e, por conseguinte, ao modo de produção capitalista vigente. Trata-se de um movimento em que aprendizagem, conscientização e superação andam juntos:

A conscientização implica, pois que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. A conscientização é, nesse sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se "desvela" a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em "estar frente à realidade" assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da práxis", ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou transformar o mundo que caracteriza o homem (FREIRE, 1980, p. 26)

120

Desse modo, o capitalismo, por suas próprias condições de existência, em relação à classe trabalhadora, demanda conscientização. Em Freire (1979, p. 15), a conscientização é “o teste do ambiente, da realidade”, constitui um “apoderar-se da realidade”. É a partir de tal processo que a autonomia emerge, bem como novas formas de organização política. Trata-se, para Freitas (2019), de um compromisso social e histórico do homem com a sua própria realidade, ou seja, ninguém é mais responsável por superar o contexto vivido mais do que ele mesmo. Aqui, compromisso da mulher com sua realidade e processualidade histórica.

As palmeiras de babaçu têm importância fundamental na reprodução física, social e cultural das quebradeiras de coco babaçu, o que contraria a noção dogmática da propriedade privada, que trata a árvore como um importante acessório do solo. Assim, a palmeira é mãe das

quebradeiras, representam a vida, e é daí que as quebradeiras retiram todo o seu sustento, bem como sua força para continuar lutando pela preservação dos babaçuais para que haja a continuidade da existência não somente delas, mas de todos os povos das águas, das florestas, do cerrado, das comunidades tradicionais como um todo e de todos os seres humanos que dependem desses recursos para sobreviver.

No território brasileiro, mais especificamente na região dos babaçuais⁴, que abrange os estados do Pará, Piauí e Tocantins e, grande parte do Maranhão, Shiraishi Neto (2006), destaca que das 300 mil famílias que vivem da extração do coco do babaçu, 90% são mulheres que junto com os filhos fazem a coleta e a quebra do fruto para venda e para seu próprio consumo, embora às vezes haja participação dos homens na coleta do coco. Ou seja, trata-se de um movimento sustentado por mulheres, mas que também inclui os homens nas atividades, o que possibilita socialmente que os homens também se engajem na luta das mulheres. Representa, ainda, um projeto societário.

Nessa perspectiva, é comum ouvir de uma quebradeira de coco que do babaçu tudo se aproveita e que as possibilidades de aproveitamento do fruto são vastas, pelo fato de que se registre, hoje, mais de 63 subprodutos derivados do babaçu, assim como também há o aproveitamento do caule e folhas da palmeira. Dada a importância desse recurso na reprodução do contexto familiar, para estas mulheres não importa onde estejam localizadas as palmeiras, se em área de domínio privado ou público, pois isto não serve de obstáculo para o exercício de suas atividades extrativistas. Para elas o uso supera o domínio. No entanto, é premente afirmar que a posse da terra também é essencial para a sua reprodução social, sendo esta, também uma pauta de reivindicação.

O fato de áreas de domínio privado não impedir que essas mulheres exerçam suas práticas, coletiva ou individualmente, demonstra formas de resistência não só ao grande capital, mas também às questões de natureza micro, pois continuam se articulando como um ato que organiza sua existência como mulheres, negras, mães e esposas que são, além de quebradeiras.

⁴ Área de transição entre Caatinga, Cerrado e Amazônia em que se encontra a formação de ocorrência das palmeiras de babaçu.

Nesse aspecto, os significados produzidos por elas também são de fundamental importância para que compreendamos o processo de luta das mesmas, como tal.

Nesse ínterim, vale destacar que as quebradeiras de coco do estado do Maranhão fazem parte do grupo de povos e comunidades tradicionais do Brasil, que possuem seus próprios modos de organização social, política e cultural, ocupam o território sem agredir seus recursos naturais, como faz o extrativismo predatório, sendo ele condição para a reprodução do grupo e para a transmissão de modelos de comportamento socialmente compartilhados e ancestrais entre os membros do grupo.

Diegues (1996) corrobora com essa perspectiva, dando outras características típicas das culturais tradicionais, tais como: vínculo com a natureza com a intenção de construir um modo de vida; forma de manipular os recursos naturais que são passados de geração em geração; conhecimento sobre território e o espaço que o grupo ocupa; atribuir relevância às atividades de subsistência familiar e comunitária; enfatizar os mitos e rituais culturais para manterem vivas as simbologias do grupo; tem o uso da tecnologia relativamente reduzida, evitando impactos ao meio ambiente e priorizando trabalhos artesanais; e por fim, se perceber ou auto identificar membro de uma cultura diferente das demais.

Diante dessas características, pode-se inferir que as comunidades tradicionais têm um viés de convivência voltado para a unidade do grupo, de modo que seus membros estejam sempre em conexão uns com os outros. Tais conexões e características fazem emergir múltiplos ângulos de investigação, nos interessando investigar do ponto de vista da “história vista de baixo”, em Thompson (1998), que valoriza a esfera cotidiana, as interações produzidas em comunidade, bem como da produção e reprodução dos modos de vida tradicionais, enquanto dimensões fundamentais para compreendermos a realidade das quebradeiras de coco.

Tendo isso em vista, é premente afirmar que as quebradeiras de coco, a partir do referido autor, são protagonistas das próprias narrativas, expressadas a partir de valores gestados em sua própria esfera cotidiana e que parte de suas próprias motivações, seja individual ou coletivamente, na manutenção e preservação dos costumes tradicionais historicamente gestados. Assim:

Para Thompson, a história deve ser narrada para além dos “grandes fatos” da história oficial e seus heróis, mas, especialmente pela observação dos fatos ocorridos com pessoas que fazem parte do coletivo negligenciado, entre eles: os operários, os camponeses, os artesãos, etc. Assim, ao tornarem-se protagonistas da narrativa, enquanto sujeitos históricos dotados de singularidades, motivações pessoais, autonomia, racionalismo e outras características que se agregam ao homem social, o historiador aponta as ações dos sujeitos motivadas primariamente por seus costumes de ordem moral, consuetudinárias e resistências que se chocam com as inovações impostas pela “cultura de cima” (FONTENELE, 2018, p. 36).

Nesse aspecto, a “cultura de cima” diz respeito à cultura hegemonicamente dominante, que, a partir de valores disseminados pelo grande capital, insere o campo num lugar de atraso ou receptáculo da cidade, incapaz de produzir cultura, o que deslegitima seus meios de vida tradicionais. Nesse sentido, temos aqui um cenário que demanda luta e resistência por parte dos sujeitos do campo, bem como de membros de comunidades tradicionais, em preservar sua ancestralidade, suas formas de produção da existência, que tanto são marginalizados e invisibilizados, sobretudo quando se trata de mulheres, que sofrem “processos de negação de suas identidades e anulação de sua importância diante da lógica instrumental e produtivista que as enclausura em uma condição de opressiva” (SILVA, 2018, p.11).

123

No entanto, para além da lógica instrumental e produtivista, seja do machismo ou do patriarcado, se faz necessário enfatizar a importância dos microfundamentos expressos nos modelos tradicionais de existência das quebradeiras de coco, que se opõem às análises funcionalistas, bem como à tradição historiográfica que pensou a história a partir de uma dimensão macrossocial, que, de certo modo, ocultou a importância da ação dos atores sociais. Ainda, é premente afirmar que a história é construída a partir de uma multiplicidade de fenômenos, não podendo a produção de sentidos e significados produzidos pelos sujeitos, ficarem à margem da análise.

Se o objetivo da ciência é explicar através de leis, há necessidade de reduzir tanto quanto possível o intervalo entre *explanans* e *explanandum* (entre causa e efeito), a fim de evitar o risco das explicações espúrias. Estas ocorrem de duas maneiras principais: pela confusão entre explicação e correlação e pela confusão entre explicação e necessidade (...). Ambos os riscos são reduzidos quando nos aproximamos do ideal de uma cadeia contínua de causa e efeito, isto é, quando se reduz o intervalo entre *explanans* e *explanandum*. Isto mais uma vez está estreitamente ligado à passagem do nível mais agregado para o menos agregado dos fenômenos. Nessa perspectiva, o reducionismo não é um fim em si mesmo; é apenas um concomitante de outro *desideratum*” (LEVINE, SOBER E WRIGHT, 1987, p. 8 *apud* ELSTER, 1985, p. 1).

Desse modo, é premente afirmar que, no processo de investigação, não podemos tratar causa e efeito como duas questões isoladamente separadas ou partir de formas positivistas de conceber o conhecimento. Assim, partir da dimensão “menos agregada dos fenômenos”, ou seja, da vida cotidiana das quebradeiras de coco, por exemplo, fornece fidedignidade e segurança para entendermos o movimento como um todo, em seus aspectos macro e microsociais, tendo em vista que um é parte constitutiva do outro.

No caso das quebradeiras de coco babaçu do estado do Maranhão, organizadas tradicionalmente, é possível perceber uma importante contribuição na preservação ambiental da chamada “região dos babaçuais” (que engloba parte dos estados do Pará, Piauí e Tocantins e, principalmente, do Maranhão). Tal região está localizada num espaço sociogeográfico historicamente marcado por conflitos de terra, sendo este o pano de fundo da trajetória das mulheres quebradeiras de coco, das lutas cotidianas, das práticas de resistência e modos de organização, que se expressam em questões de gênero, raça, etnia e demais marcadores que foram compondo seus modos de vida. Essas histórias são apontadas pelas situações de opressão, espoliação e violência às quais eram sujeitas.

124

As características do processo de mobilização política dessas mulheres e suas famílias remetem com que as entidades que elas fazem parte sejam identificadas como instituições de luta e resistência contra as ações de grandes proprietários de terra. Essas ações e toda a resistência têm sido evidenciadas, principalmente, por meio de “bandeiras de luta” levantadas em benefício de práticas ambientais e econômicas específicas, assim como do reconhecimento de uma identidade – quebradeira de coco (SANTOS, 2009 p. 59).

Desse modo, é premente afirmar que são as próprias quebradeiras de coco, as instituições de luta. São elas quem fazem o movimento. Nesse sentido, o estado do Maranhão, por exemplo, foi constituído historicamente por reivindicações realizadas por elas, em prol da reforma agrária, do bem viver, da defesa da identidade dos povos tradicionais, das águas e das florestas.

Nesse aspecto, em Almeida (1995), no estado do Maranhão, os/as trabalhadores/as rurais iniciaram na década de 1950 as primeiras organizações das associações em defesa do plantio de roças, haja vista, que suas atividades eram ameaçadas pelos grandes proprietários de terra que investiam em pastos. É importante destacar que a atividade de coleta e quebra do coco

babaçu era acessória⁵ ao plantio de mandioca, e exercida em sua maioria pelas mulheres e crianças, representando a partir daí a força do trabalho feminino.

Nesse mesmo período, a redução do tamanho da roça propiciou a contribuição do homem na coleta do coco inteiro, dando origem ao termo “catador”. A ação coletiva dos sujeitos em reduzir o tamanho da roça, por exemplo, constitui-se como um elemento importantíssimo na análise. Assim, para Perinossotto (2010), se um efeito determinado é produzido, ele é causalmente conectado às condutas e às interações humanas concretas e observáveis, isto é, a “um sujeito sociológico dotado de capacidade de ação e de intenção” (BOUDON, 1993, p. 15), e não a uma “imposição objetiva” que opera nunca se sabe exatamente como. Ou seja, para que homem se engajasse na atividade, a ação dos sujeitos dotada de intencionalidade foi determinante.

Na obra *Na terra das palmeiras: gênero, trabalho e identidades no universo das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão*, de Viviane de Oliveira Barbosa (2016), é possível acompanhar a história de alguns conflitos rurais, que na década de 1960, seguiram impulsionados pelas iniciativas de organização dos movimentos sociais rurais, muito embora abalados pela repressão do Governo Militar. Tal repressão, inclusive, trouxe uma crise de representatividade muito forte para os movimentos, o que os levou os sujeitos a pensarem novas formas de organização e repertórios de luta, independente das instituições.

Assim, tivemos uma conjuntura que demandava atenção à dimensão subjetiva das lutas, em que as gradativas conquistas nas pautas de reivindicação, se deviam não ao Estado, às associações, sindicatos ou a entidades representativas, mas à ação do sujeito, que em Perinossotto (2010), são eles os responsáveis pelas ações e, portanto, pelos fenômenos sociais:

Assim, é preciso estudar esses fenômenos a partir das motivações individuais para a ação. A ação coletiva, por exemplo, tão comum nas sociedades contemporâneas, não pode ser entendida a partir de categorias coletivas abstratas, mas apenas em função de um agregado de comportamentos individuais. Captar o mecanismo de um fenômeno social e revelar os seus microfundamentos significa exatamente revelar as crenças e as motivações que levam os indivíduos a agir e mostrar como eles agiram de fato, dando origem ao fenômeno que se pretende estudar. (PERINOSSOTTO, 2010, p. 120)

⁵ A atividade acessória está adversa à atividade principal, no caso a roça. No entanto, tanto a quebra de coco quanto o plantio recebem sua devida importância no trabalho familiar camponês.

No entanto, ao final da década de 1970 e início de 1980, é possível destacar maior representatividade dos trabalhadores e trabalhadoras rurais em seus espaços de luta sociais de forma mais institucionalizada. As mulheres do campo, ao se inserirem nesse contexto, lutavam *“pela saúde, educação, moradia, alimentação e religião e, cada vez mais, ocupavam cargos de direção em instituições”* (BARBOSA, 2016, p. 84). Contudo, tais aspectos dizem respeito às necessidades materiais e espirituais básicas das quebradeiras de coco, e é o que de fato, as leva à mobilização, seja por meio de instituições ou não.

A força política das mulheres, especialmente das quebradeiras de coco, do ponto de vista da história social, é o que as conduz às conquistas alcançadas na esfera do trabalho com o coco babaçu. Assim, a partir da descoberta do valor econômico do babaçu no território maranhense e nacional, empresários e políticos, por meio das estruturas de poder locais, começaram a se envolver com a extração desse recurso no início do século XX.

Logo, a coleta de babaçu passa a ser uma atividade assalariada, por meio de um trabalho eventual para as Usinas de Açúcar instaladas no Maranhão. Mas foi só na década de 1980 que surgem as primeiras cooperativas nas regiões dos babaçuais pela representação dos trabalhadores rurais. Não se pretende negar o importante papel das cooperativas para a organização das quebradeiras de coco. No entanto, para Perinossotto (2010, p. 120).

126

Quando falamos que um Estado tomou esta ou aquela decisão, que uma classe deseja tal coisa ou que uma nação almeja um dado fim, estamos, na verdade, adotando uma maneira taquigráfica de dizer que determinados indivíduos pertencentes a essas diversas instituições ou grupos se mobilizaram para realizar tais objetivos. Portanto, é no âmbito do comportamento individual que devemos compreender tais realidades coletivas (PERINOSSOTTO, 2010, p. 120).

Ou seja, não é a cooperativa em si, a determinante no processo, mas o trabalho de organização e articulação desenvolvido, expresso na ação das quebradeiras de coco em busca da realização de seus objetivos, bem como da melhoria das condições de vida em prol do bem-viver, a partir das alternativas pensadas racionalmente e consideradas mais viáveis para as mesmas, o que suscita a dimensão subjetiva.

Desse modo, no contexto maranhense, as mulheres quebradeiras de coco babaçu foram protagonistas nas lutas pela posse de terra e pelo acesso livre aos babaçuais. Essas participações

germinaram um campo político-organizativo que extrapolaram o universo da comunidade e passaram a se organizarem extralocalmente.

Nesse contexto, podemos acompanhar a crescente mobilização do campo na formação de movimentos sociais, e consequentemente com uma ligação a órgãos governamentais e ONGs ambientalistas. Essa conexão entre movimentos rurais e instituições estatais foi importante para a implementação de políticas públicas colaboradoras na resolução de problemas ambientais. Problemas como o das quebradeiras de coco, que enfrentavam a devastação dos babaçuais. Enquanto uma consequência do enfrentamento desse problema, “registra-se nas regiões da Baixada Ocidental, Imperatriz, Médio Mearim e Itapecuru, conforme os dados censitários de 1985, um agravamento de conflitos sociais” (ALMEIDA, 1995 p. 33).

No entanto, é importante reconhecer que antes dos vínculos institucionais, o potencial organizativo dos sujeitos atuando nos movimentos, que antecedeu tal vinculação, foi primordial. Ademais, não se trata de separar a dimensão micro da macrosocial, mas de entender a importância de uma, na formação de outra. Ou seja, para que o Estado colaborasse na resolução de questões ambientais, foi necessária autonomia, por parte das quebradeiras de coco, em lutar por seus direitos, buscando o Estado.

3. MOBILIZAÇÃO, RESISTÊNCIA E ORGANIZAÇÃO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU

Historicamente falando, no sentido de representatividade institucional, no início da década de 1990, nota-se maior articulação entre diferentes entidades de diferentes regiões, como a Sociedade Maranhense de Defesa dos Direitos Humanos⁶ (Baixada-MA); Comissão Pastoral

⁶ A SMDH foi criada em 12 de fevereiro de 1979, configurando-se como uma entidade da Sociedade Civil de natureza pública e um espaço político de denúncia contra o arbítrio e a violência. Adotou como uma das linhas de ação a assessoria jurídica e a formulação de denúncias e reivindicações oriundas das comunidades, junto aos governos.

da Terra⁷ (Bico do Papagaio-TO); Centro de Educação Popular Esperantinense⁸ (Esperantina-PI); Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural⁹ (Imperatriz-MA) e Associação em Área de Assentamento¹⁰ (Mearim-MA), que assessoravam grupos de quebradeiras de coco. Ou seja, por meio destas, é prestada assessoria, que se expressa na atividade de consultoria e aconselhamento para colaborar com as práticas realizadas e desenvolvidas pelas próprias mulheres. Tratam-se de práticas conduzidas e direcionadas especificamente pelas mulheres, através da autonomia, da força de mobilização e resistência por parte das mulheres, sendo estas dimensões que constituem suas identidades.

A partir de tal mobilização, foi possibilitada a criação de uma comissão de quebradeiras e assessorias que viabilizaram a realização do I Encontro Interestadual das Quebradeiras de Coco, nos dias 24 a 26 de setembro de 1991, em São Luís, Maranhão, que possibilitou a troca de experiências e de afirmação de identidade, que podemos perceber nitidamente em uma estrofe de uma música das quebradeiras de coco, intitulada como “EU SOU QUEBRADEIRA” na letra de Antônio Nascimento Silva (Mundoca).

Eu sou quebradeira,
Eu sou quebradeira.
Vim para lutar!

Pelos meus direitos,
Pelos meus direitos.
Eu vim reivindicar!

⁷ A Comissão Pastoral da Terra (CPT) nasceu em junho de 1975, durante o Encontro de Pastoral da Amazônia, convocado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e realizado em Goiânia (GO). Inicialmente a CPT desenvolveu junto aos trabalhadores e trabalhadoras da terra um serviço pastoral. A CPT quer ser uma presença solidária, profética, ecumênica, fraterna e afetiva, que presta um serviço educativo e transformador junto aos povos da terra.

⁸ Entidade criada com vistas a defender os trabalhadores rurais e suas famílias que vem atuando na defesa dos direitos das quebradeiras de coco do Piauí, sobretudo nas questões que envolvem cobrança ilegal de pagamento de foro e ameaças.

⁹ A CENTRU atualmente possui duas sedes, uma em Recife e outra em Imperatriz (MA), erguida em 1984, tendo o seu primeiro projeto em 1986. É missão do centro contribuir no processo de construção de um novo modelo de desenvolvimento social sustentável, por meio da educação, capacitação, formação, assessoria política pedagógica.

¹⁰ ASSEMA fundada em 1989 é uma organização liderada por trabalhadores rurais e mulheres quebradeiras de coco babaçu, que promove a produção familiar, utilizando e preservando os babaçuais, para a melhoria da qualidade de vida no campo.

Mais educação e saúde
Pra toda nação. Eu sou quebradeira,
Sou mulher guerreira,
Venho do ser tão!

No Tocantins, tem quebradeira
No Piauí, tem quebradeira
Lá no Pará, tem quebradeira
No Maranhão, estão as quebradeiras!
(CANTO E ENCANTO NOS BABAÇUAIS, 2014)

Ou seja, independentemente da regionalidade das quebradeiras, o que interessa é a preservação de sua cultura, o fortalecimento de seu trabalho e do modo de vida em comum. Nesse sentido, a música tem uma forte simbologia para todas as mulheres do grupo. E no caso da música referenciada, é possível perceber que as lutas e pretensões são expressas interestadualmente. Vale destacar, que as manifestações realizadas nas ruas também tiveram um significado importante na representação coletiva das quebradeiras de coco, mostrando aí uma percepção política de organização e da ampliação dos seus direitos.

Figura 1: Ato público das quebradeiras de coco babaçu durante o I EIQCB.

Fonte: SILVA, 2018, p. 59

Emerge a partir desse Encontro, formas homogêneas de comunicação entre os grupos e comunidades rurais que se sustentam do coco babaçu. Em 1995, aconteceu o II Encontro Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu, promovendo um debate sobre a autonomia econômica desse grupo de mulheres, e no desenvolvimento de lideranças comunitárias. Respectivamente nasce o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB. Seus membros e membras lutam pelo acesso livre aos babaçuais, como também por um processo de transformação da consciência na esfera doméstica e familiar a fim de colaborar nos processos de participação política das mulheres.

Atualmente, o MIQCB presta assessoria às mulheres e está inserido na luta pelo acesso livre aos babaçuais desde 1991. Assim, é premente afirmar que, enquanto uma ONG, o MIQCB se constitui como um importante parceiro de luta das mulheres, a partir de construções e deliberações coletivas, o que demonstra que os processos de transformação social fazem emergir novos repertórios de luta, principalmente no engajamento das mulheres na luta e em suas práticas, que, independentemente da forma ou do tipo de formatação jurídica, são práticas políticas autônomas.

130

Vale ressaltar, que o MIQCB é gestado a partir de conjunturas políticas que refazem o sindicalismo tradicional, tornando-o um sindicalismo moderno, onde a agricultura familiar¹¹ emerge em oposição às políticas desenvolvimentistas, e ao passo em que o país caminhava para alternativas de sobrevivência ligadas às questões sociais e ambientais.

As características sustentáveis do modo de vida e do agroextrativismo praticadas pelas quebradeiras incluem a capacidade de gerar ocupação e renda, de produzir alimentos para a segurança alimentar das famílias, de ofertar alimentos saudáveis aos mercados locais e, ainda, de manter ativos ambientais. Essa vocação é potencializada pelos projetos ecossociais ao favorecerem a materialização das estratégias de fortalecimento da identidade e melhoria de vida dessas comunidades (SILVA; NAPOLITANO; BASTOS, 2016).

Observa-se que o agroextrativismo se constitui como uma prática que potencializa a produção de uma agricultura sustentável, e se desenvolve na preservação dos babaçuais e na produção de outros alimentos como por exemplo, feijão, milho, fava, mandioca, hortaliças

¹¹ Atividade realizada por pequenos grupos de famílias em propriedades rurais, que vivem da vendem dos produtos que plantam.

dentre outras frutas e verduras. Nessa perspectiva, as mulheres quebradeiras de coco assumem uma lida diária na gestão de roças orgânicas, no movimento em que essa atividade contribui positivamente para o crescimento econômico e para a soberania alimentar da família e da comunidade.

Em consonância com as práticas agroextrativistas, as quebradeiras de coco, pensando na sua organização política e social, criaram o “Projeto Floresta de Babaçu em Pé”, articulado em parceria com o MIQCB, tendo por objetivo organizar as quebradeiras para que conheçam e lutem por seus direitos, inclusive pela implantação da Lei do “Babaçu Livre” (SANTOS; LOSCHI, 2019 p. 7). Assim, trata-se de um projeto pensado a partir da motivação das mulheres na preservação da floresta e do seu meio de vida, que é assessorado pelo MIQCB, enquanto a ONG que colabora para os processos e práticas desenvolvidos pelas próprias mulheres.

Nesse sentido, é importante mencionar a conquista da Lei do Babaçu Livre, que foi aprovada em 1997, faz parte de um longo processo de luta das mulheres, e também constituiu a Associação do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (AMIQCB), também importante na organização das mulheres que estavam juntas em defesa do meio ambiente, com a proposta de agro extrativismo do coco babaçu; de preservação e da livre entrada aos babaçuais, formada em muitos casos a partir das lutas de caráter político-jurídico.

No site Agência Notícia IBGE, Leandro Santos e Marília Loschi (2019) apontam a preservação das tradições das quebradeiras de coco no Maranhão e a luta pelo acesso livre aos babaçuais que ainda permanece. Em muitos municípios que respeitam a Lei do Babaçu Livre, os proprietários das terras, legalmente, permitem a entrada das mulheres quebradeiras ou dos catadores em suas fazendas, sem nenhuma restrição ou qualquer tipo de negociação. É também proibido derrubar ou utilizar agrotóxicos nas palmeiras.

Entretanto, a lei do Babaçu Livre ainda não chegou a Bacabal e o manejo do coco babaçu compensa cada vez menos. A aposta da região é o Projeto Floresta de Babaçu em Pé, também articulado pelo MIQCB, com objetivo de organizar as quebradeiras para que conheçam e lutem por seus direitos, inclusive pela implantação da Lei do Babaçu Livre (SANTOS; LOSCHI, 2019).

O que se pode perceber, é que as mulheres quebradeiras de coco babaçu passam por um legado de fatores históricos e econômicos que contribuem para a formação de cada uma delas

e do grupo como um todo. Essa formação inicia-se na interação com o meio em que vive, nas atividades mais rotineiras, nas tentativas de comunicação e gestos. Assim, a interação, a solidariedade e a reciprocidade comum ao grupo trazem consigo autonomia, enquanto a dimensão básica para a transformação pessoal e social, bem como liberdade e dignidade, visto que, segundo Freire (1996, p.65), “a liberdade amadurece no confronto com outras liberdades” [...], o que se expressa numa postura transgressora:

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigurosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão (FREIRE, 1996, p. 31).

No caso das quebradeiras de coco, esse processo acontece, por exemplo, quando se apresentam como extrativistas nos pequenos grupos e associações e, conseqüentemente, desenvolvem discussões, estabelecem ações conjuntas, definem estratégias semelhantes, dentre outros fatores. Quer dizer, há um reconhecimento do valor e no potencial do grupo para a promoção de saberes, para a formação do grupo e, principalmente, para a construção de autonomia e de afirmação da identidade como forma de promoção social.

132

Esse reconhecimento tem tomado proporções internacionais que, por meio de parcerias, influenciam diversas comunidades tradicionais, em outras regiões do país e pelo mundo, a construir uma história de luta e resistência em prol dos direitos extrativistas e territoriais, como o livre acesso aos babaçuais. Pode se verificar que a partir do apoio da *Ford Foundation*¹² e do Fundo Amazônia¹³, em que as narrativas de conquistas são divulgadas por meio de cartilhas, *e-books* e artigos eletrônicos, como também, apoiadas por projetos socioambientais nos Estados do Maranhão, Tocantins e Pará, foi provocada uma mudança visível na qualidade de vida das quebradeiras de coco e nas comunidades envolvidas.

¹² A Fundação Ford investe em ideias inovadoras, na intenção de promover a dignidade humana em todo o mundo. Constrói debates sobre educação, cultura, direitos humanos, pobreza e desenvolvimento urbano.

¹³ Fomenta projetos de prevenção e combate ao desmatamento. Apoia o uso sustentável da Amazônia e projetos socioambientais de comunidades extrativistas, como por exemplo, o Projeto Floresta de Babaçu em Pé, que está direcionado as comunidades de quebradeiras de coco babaçu.

4. CONCLUSÕES

Em meio às dificuldades diárias das quebradeiras de coco e de suas famílias, chama à atenção a maneira encorajada que elas enfrentam a batalha pela sobrevivência, pelo cuidado com o meio ambiente e pela forma de se organizarem coletivamente. Tais batalhas, diárias, que acompanham o quebrar do coco, se expressam em espaços de reprodução, que, em Perinossotto (2010), reprodução da força de trabalho das trabalhadoras não apenas do ponto de vista do capital, mas de mulheres que interagem nesse processo. Portanto, tais batalhas devem ser analisadas e interpretadas como tal, a partir da dimensão subjetiva que leva as quebradeiras de coco a se organizarem politicamente.

É possível verificar que tais batalhas também compreendem uma intensiva busca pelo fortalecimento das práticas produtivas no manejo do coco babaçu, considerada como um dos maiores desafios do ponto de vista socioeconômico e no que diz respeito à garantia da subsistência. Por meio da valorização do trabalho dessas mulheres na produção, se abrem novas possibilidades da atividade econômica de quebrar o coco como profissão. Tal valorização tem ocorrido por meio de parcerias junto a Fundação Banco do Brasil, *ActionAid*, Fundo Amazônia, *Misereor* e Fundação Ford que vem contribuindo com a segurança alimentar e social das comunidades.

133

Portanto, após uma trajetória de resistência, hoje, a luta das quebradeiras de coco em prol da preservação da natureza, bem como dos seus modos de vida, é reconhecida mundialmente. Através da articulação com o MIQCB, com o apoio da *Action Aid* e da União Europeia, esta, possuindo um mecanismo de proteção civil que presta ajuda humanitária de combate à pobreza em países do mundo que mais necessitam da proteção dos direitos humanos das chamadas minorias sociais. Por meio desse processo de internacionalização, foi criada uma campanha para a busca de financiamento e para dar visibilidade às violações de direitos das quebradeiras de coco babaçu, incluindo visitas das mesmas à Europa, mais precisamente à Inglaterra, Bélgica e França.

Assim, por meio da luta do movimento das mulheres em prol da garantia do preço mínimo do babaçu, tem fortalecido o associativismo e colaborado para processos de

comercialização. Tais processos vêm ganhando força a partir de projetos sociais em comunidades extrativistas, que incentivam as cooperativas na organização da cadeia produtiva do babaçu, e consequentemente melhora as condições de vida das quebradeiras de coco e suas famílias.

Assim sendo, pontua Santos (2009), que a partir das relações do homem [da mulher] com a realidade entrelaçados pelos atos de criação e recriação, vai transformando o seu mundo. Também pelos aspectos culturais, geográficos e históricos o homem [a mulher] vai decidindo sua participação e sendo sujeito do desenvolvimento de sua própria autonomia. É possível que o bem-viver, ainda não tenha sido alcançado satisfatoriamente. No entanto, o que as impulsiona na luta é a certeza de que existe esperança de um futuro com mais oportunidade para as gerações seguintes. Nesse sentido, “elas acreditam – e fazem com que acreditemos – que esse futuro é totalmente possível” (BERRÊDO, 2017 p.15).

Um futuro com mais oportunidades, para as quebradeiras de coco, está sendo construído cotidianamente por meio de uma agenda de luta pensada em conjunto com diversas articulações, como a Marcha das Margaridas, a Articulação Nacional de Agroecologia (ATA), o Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), a Rede Bico, o Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de diversos municípios (STTR), as Alternativas para a Pequena Agricultura no Tocantins (APA-TO), a Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras do Estado do Maranhão (FETAEMA), a Associação em Áreas de Assentamento do Estado do Maranhão (ASSEMA), dentre outros. Esse formato de articulação ocorre com as quebradeiras de coco por terem um projeto coletivo de atuação.

Atualmente, as mulheres têm participado de reuniões online com o MIQCB, que também pode ser considerada uma capacitação, para tratar da continuidade da luta das quebradeiras de coco pela garantia de seus direitos, sendo esta uma engrenagem que não pode parar mesmo diante de dificuldades colocadas pela atual conjuntura de pandemia causada pela Covid-19 e da postura do atual governo para com as comunidades e povos tradicionais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quebradeiras de coco babaçu: Identidade e Mobilização**. III Encontro Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu, São Luís. 1995.
- BARBOSA, Viviane de Oliveira. **Na terra das palmeiras: gênero, trabalho e identidades no universo das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão**. Jundiaí, Paco Editorial: 2016.
- BERRÊDO, Eliane Sá Amorim. **O MIQCB: aspectos organizativos e o processo de onguização do movimento**. Universidade Federal do Maranhão. Centro de Estudos Sociais. São Luís, 2017. Disponível em: <http://tedebc.ufma.br:8080/jspui/bitstream/tede/ElianeBerredo.pdf>. Acesso em 24 nov. 2020.
- DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996. Disponível em: <http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/O%20mito%20moderno.compressed.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2020.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização, teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. Conscientizar para libertar (Conferência, México, 1971). In: TORRES, C. **Consciência e história: a práxis educativa de Paulo Freire**. São Paulo: Loyola, 1979a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática da autonomia**. 25ª Ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, Jullyana Cristhina Almeida de. **O caminho se faz caminhando: A constituição de uma consciência humana na educação popular da Comunidade Viva Deus** / Jullyana Cristhina Almeida de Freitas. - 2019. 72 p.
- FONTENELE, Hamanda Machado de Meneses. **THOMPSON, Edward Palmer. Costumes em Comum: estudo sobre cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Revista Piauiense de História Social e do Trabalho. Ano IV, n. 06. Janeiro-julho de 2018
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antônio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago. 2011
- LEVINE, Andrew; SOBER, Eliot; WRIGHT, Erik O. **Marxismo e Individualismo Metodológico**. New Left Review, n. 162, março-abril, 1987, p. 67-84. Tradução de Vera Pereira.
- LAVE, J. & WENGER, E. **Situated Learning. Legitimate peripheral participation**. New York: Cambridge University Press, 1991 (16th. Printing). Traducción de Miguel Espíndola y Carlos Afonso. Supervisión de la traducción: Giovanna Winckler. www.Moodle.ufba.br/file.php/10203/.../wenger.pdf. (Disponível em 02 de setembro de 2017).

PERINOSSOTTO, Renato. **Marxismo e ciência social. Um balanço crítico do marxismo analítico.** RBCS Vol. 25 n° 73. Junho/2010

SANTOS, Leandro; LOSCHI, Marília. **Donas das árvores.** Retratos a Revista do IBGE. N.15 jan. 2019. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_arquivos/9.pdf. Acesso em: 24 out. 2020.

SANTOS, Leandro; LOSCHI, Marília. **Quebradeiras de coco babaçu preservam tradição no interior do Maranhão.** Agência Notícia IBGE. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias>. Acesso em: 28 nov. 2020.

SANTOS, Raimundo Lima dos. **Associação, memória e luta das quebradeiras de coco no Maranhão: o povoado de Petrolina.** MÉTIS: história & cultura – v. 8, n. 15, p. 49-65. 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/725/530>. Acesso em: 07 dez. 2019.

SHIRAISHI NETO, Joaquim. **A crise nos padrões jurídicos tradicionais: o direito em face dos grupos sociais portadores de identidade coletiva.** XIV Congresso Nacional do Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito. Fortaleza, 2006.

SILVA, Elisa Marie Sette; NAPOLITANO, Juliana Elisa; BASTOS, Silvana (ORG). **Pequenos Projetos Ecosociais de quebradeiras de coco babaçu: reflexões e aprendizados.** - Brasília: ISPN, 2016. Disponível em: <http://ispn.org.br/site/wp-content/uploads/2018/10/PequenosProjetosEcosociaisDeQuebradeirasDeCocoBaba%C3%A7uReflex%C3%B5esEAprendizados.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2020.

SILVA, Linalva Cunha Cardoso. **Quebradeiras de coco babaçu, organização e mobilização política no lago do junco e lago dos rodrigues, região do Médio Mearim (MA): A experiência da fábrica de sabonete.** 2018. Dissertação (Mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia) Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Submetido em: 11/03/2021

Aprovado em: 09/04/2021